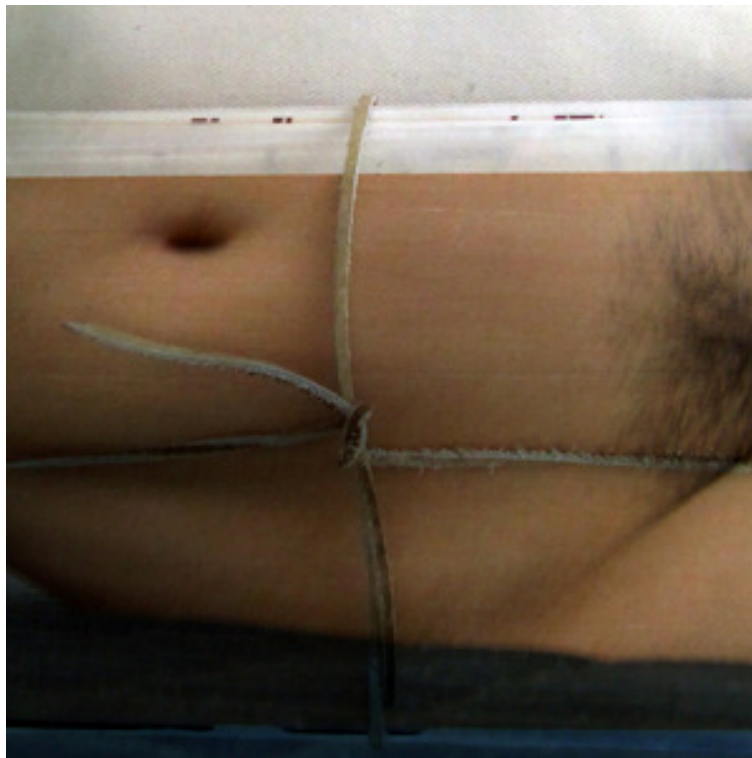


Antes que a árvore se feche

Floriano Martins



Coleção de Areia

© 2011, Floriano Martins, Brasil.
© 2011, de la traducción al español, Gladys Mendía, Venezuela.
© 2011, de la presentación, José Alcántara Almanzar, República Dominicana.
Coleção de Areia – 13
Projeto Editorial Banda Hispânica
Caixa Postal 52817 – Agência Aldeota
Fortaleza Ceará 60150-970 Brasil

Floriano Martins

**ANTES QUE A ARVORE SE
FECHE**

UMA SEMENTE

Os primeiros versos deste livro foram escritos em janeiro de 2010 em uma simpática noite de inverno em Cincinnati, eu havia acabado de ver o filme *De-Lovely*, de Irwin Winkler. A neve caía lá fora e Ashley Judd havia me revelado tanto do caráter de Linda Porter, a esposa do compositor biografado por Winkler, que eu não fiz mais do que dar passagem para o poema dedicado aos olhos daquela mulher. O filme gotejava encantos por todos os lados, de tal maneira que nunca saberei ao certo se os olhos do poema são de Linda ou de Ashley. O que sei é que ali algo se modificava em minha escrita, a começar pela recuperação do manuscrito. Há décadas eu não escrevia poemas à mão. Uma única exceção, sem constituir nada além do que se possa chamar força das circunstâncias, foi um extenso poema escrito em um leito de hospital, em Sidney, dois anos antes, quando uma trombose quase me liquidava.

O inverno naquela região estadunidense foi dos mais pesados e talvez pelo encantamento diante da neve, mais do que propriamente o isolamento, me pus a escrever novos poemas *assediados* por alguma lembrança feminina. Alejandra Pizarnik, Lee Miller, Clarice Lispector... Era curioso como os poemas começaram a destacar partes do corpo de cada mulher. Olhos, lábios, umbigo, mãos... Ali relativamente próxima de mim, em Nova York, vivia uma querida amiga, Madeline Millán. A neve e meu trabalho na Universidade não permitiram um encontro nosso, porém conversávamos quase a diário pela Internet. Quando escrevi o poema dedicado a ela – precisamente a seus ombros –, enviei um breve conjunto de cinco poemas a outro querido amigo, no Brasil, Jacob Klintowitz, que ao ler este último poema logo me escreveu dizendo que ali estava a chave de um livro que deveria se chamar “antes que a árvore se feche”. Os pedaços de corpos evocados nos títulos apontaram em uma direção que me levou a Emily Brontë. Ao lhe escrever um poema, percebi as senhas para a concepção de um livro, a soma de aspectos como “as sombras esquecidas sob os corpos”, “o mistério da morte”, “as vozes confiscadas por antigos presságios”, imagens que foram ambientando os manuscritos seguintes, mas, sobretudo, um fecho de luz esclarecendo a trama que estava em jogo. O desafio vinha dos fragmentos de

corpos que se impunham como partes de um poema que embaralharia as inúmeras etapas de uma vida.

As próximas mulheres começaram a chegar, ritmadas por essa idéia de que uma árvore estava a se fechar, e que elas deveriam arriscar um verbo, uma imagem, uma parte do corpo, de tal maneira que a completude do que estava em jogo fosse afixada pela legitimidade de seus fragmentos. A esta altura eu já não estava mais em Cincinnati e sim de regresso a Fortaleza. Nunca dei importância em minha vida para fatores climáticos, mas é verdade que a passagem dos 14 graus negativos de Ohio para os 32 graus positivos do Ceará sugere alguma mudança de comportamento, seja na vigília ou no sonho, especialmente nessa área ambígua em que se dá a criação. Aos poucos, o corpo do livro foi definindo suas urgências, e voltei a pensar na curiosidade de que Mary Shelley estava do outro lado do espelho, sendo ela mulher a criar um personagem homem que idealiza um ser que lhe é igual. Eterno retorno à idéia do outro baseado em si mesmo.

Na outra margem do espelho eu me via como um homem que criava um personagem obcecado pelas mulheres que são fundamentais em sua vida por aspectos alheios a tempo ou espaço. A mãe, uma grande paixão, a autora de um livro, alguém que lhe tenha enviado uma frase provocativa de reparo em sua alma... Não importa. Vivas, mortas, reais ou não. Esqueci o espelho. Toda idealização resulta em um monstro. Quando cheguei à Austrália, dezembro de 2010, o calor era quase tão intenso quanto o de minha cidade. O livro estava, assim como eu, praticamente de férias, quando visito uma exposição de Annie Leibovitz. Naquela manhã, no Museu de Arte Contemporânea de Sidney, anotei de memória o verso com que concluiria o poema dedicado à fotógrafa: “o mundo não cessa de tornar-se teu”. O que faltava ao livro o verso define. As férias se foram e escrevi vários poemas *australianos*. Pela primeira vez montei o corpo *ideal* sobre uma mesa: lábios, ancas, pernas, pulsos, calcanhares... A árvore já estava por se fechar.

Regressei a Fortaleza para cuidar dos ossos, veias e – finalmente – da memória desse *outro* Frankenstein. Um tipo curioso de autópsia antecipada. Ao contrário do monstro criado por Mary Shelley, esta minha “noiva-cadáver” – como um leitor amigo passou a tratá-la, sem que nada tenha a ver com a *Corpse Bride* de Tim Burton – atua como um transcritor. Os fragmentos de seu corpo equivalem aos instrumentos de uma

orquestra. Essa mulher insondável, que é a própria árvore se fechando, ao mesmo tempo é a única fresta que me leva a identificar o que sou a partir do que crio. Concluído em Fortaleza, justamente com a memória da mãe, o livro define que a idealização não está em parte alguma, sendo ela, isto sim, parte de tudo o que somos.

[Fortaleza, fevereiro de 2011]

VOZ DE ALBERTA HUNTER

Não me deixes maltratar a tua mente.
Qualquer dúvida é um obstáculo desnecessário, uma dor
descompassada.
Ao sair, não te esqueças de se desfazer de toda memória.
Estamos sendo escritos por ela sem que tenhamos outra
oportunidade.
A tua sombra não deve repetir um só movimento.
O dilema começa quando roço a mão em tua nudez assustada.
Uma selva de arrepios se ocupa de meu desejo quando me
iludes estando e não estando a meu lado.
Mesmo que um dia descubra quem és, de que me adiantará?
Um semblante que surge e logo desaparece em tudo quanto
avisto.
Quantas noites se passam ao ouvir tua voz dentro de mim?
Quanto silêncio imaginando decifrar o que talvez nem tenhas
dito?
Um conflito de trevas, esqueletos da ausência, inventário de
enigmas.
Tanto planejei que não voltarias a me castigar que não apago
teus passos circundando minha loucura.
Não quero que saias nunca daqui.

Este corpo não é teu domínio.

LÁBIOS DE ALEJANDRA PIZARNIK

Ao tocar suavemente os lábios da noite intuí como ela dançava dentro de si.
As gotas de vinho sobre a mesa refletiam o milagre daqueles seios.
Ali dentro a música tremia com a paixão do vento pelas árvores mais altas.
Tudo nela era uma floração de mistérios.
Suas pernas alcançavam os melhores agudos.
A noite convulsa soletrava a voragem de suas ancas.
O ritmo sempre antecipado de cada vertigem.
Juro que pude ler a oração que rascunhava seus mamilos na pele interior do vestido, como se fosse escrita em meu próprio peito.
A noite me beija como um espelho repleto de memória, sonho transbordando imagens, lábios roçando a paisagem de corpos flutuantes entregues aos gemidos que escorriam pela toalha mesa abaixo.
E ao beijar-me pude entender o quanto a vida suplica para estar ali em sua fonte, aos pés do mito que alimenta com seu fogo líquido.
Não houve mais como regressar dos lábios dessa mulher.

PULSOS DE ANJA LECHNER

O teu corpo recebe em seu leito um verbo distinto a cada noite.
Pequenos afazeres da casa protegem o dia de outros assuntos.
Recosto-me na sombra gasta do abismo a contar teus beijos.
O primeiro me ensina os segredos da pólvora.
Outro me faz crer que posso voar.
São como desafios silenciosos os pequenos rostos boiando no
espanto de cada olhar.
Sinais de desordem que a vida elege no trânsito fugaz pela
prosperidade do tempo.
Palavras com que escavo a invisibilidade de teu vulto.
Silêncio que abrigamos ao lado delas para que preservem o que
sabem a nosso respeito.
O movimento pendular de teus beijos acentua o labirinto que
tecem por dentro e por fora de meus lábios.
Um braseiro descreve as imagens do desejo como amuletos
vorazes.
Rebatizo teus ritos como quem desvenda as virtudes da
tempestade.
O teu corpo sofisma os disfarces da noite com seus espectros
verbais.
Reconheces a volúpia indecifrável de cada pantomima?
Ainda recordas o nome com que me fiz passar por ti?

Eu mesmo tratei de esquecer-me, para que não tivesses como
voltar.

PERNAS DE ANNE DARWIN

Quando me encontras estou entre a loucura e o silêncio,
como quem sussurra inutilmente o próprio destino.
Não faço idéia do que perdi em tuas mãos.
Preciso de um nome onde te esconder.
Um corpo apropriado à confissão que não gostarias de ouvir.
Eu sigo o teu vulto por entre as sombras,
por entre árvores que rastejam sob a chuva.
A noite encharcada de mistério.
Um rosto revelado a cada gesto murmurado.
Preciso de um lugar onde guardar as cenas vividas em teu
nome.
A memória amontoando os corpos perdidos sem que
pudéssemos ouvi-los.
Ainda procuras por mim?
Eu não saberia dizer quem fui.
Teus pecados não me comovem mais, porém me assustas com a
tua ausência.
Quantos ainda poderão rever-te antes que voltes a ser ninguém?
O teu nome me confunde.

Eu simplesmente embaralho suas letras e não soletro mais onde
tudo começou.

MÚSCULOS DE ANNIE LEIBOVITZ

A minha sombra passeia por dentro da tua.
A memória muda de nome para não ser reencontrada.
As ruas despedaçam a raiz de todos os caminhos.
O mar fica sempre longe.
A dor diz que lá não quer estar.
O medo prefere não revelar residência.
As horas acabaram de passar por aqui.
Era mesmo uma noite de sol quando nos despistamos pela
penúltima vez?
Verão em Sidney, eu fui aprender a arte da rapinagem com as
gaivotas e lá estavas.

O mundo não cessa de tornar-se teu.

ESPINHAÇO DE BJORK

Meus olhos reconhecem a paisagem guardada em tua voz.
A colina acidentada do tempo que tão logo a escalamos dá em
outra com sua imensidão de reflexos hospedados no desejo.
A folhagem líquida de meus olhos reconhece os segredos que
fomos esquecendo enquanto me perdias por trás de cada
beijo.

Escrevo que vim apenas te buscar,
e tudo à nossa volta transcreve as vertigens mais íntimas.
Os meus olhos abrigam a paisagem refeita,
o lápis numinoso de tua voz onde o tempo recobra suas árvores.
Silhueta ancorada no abismo com seu plano decifrado pelo
acaso.

Escrevo o que soletram as tuas costelas,
eco entrecortado de silêncios onde a noite transborda.
Quantas luzes deformam os vultos que foram por ti compostos
para meu regresso?
Será verdade que já estive aqui alguma vez?
Quantos ficamos antes da multiplicação de tua voz?

Ninguém saberia dizer o que acontece agora se comesças a
cantar.

CALCANHARES DE BONNIE PARKER

Suponho que o céu não saiba nada de si mesmo.
Fomos atirando em tudo que víamos até que a ignorância se sentisse reconfortada.
Pajeávamos a sordidez, a frustração, toda forma de clandestinidade da hipocrisia.
Os corpos iam se amontoando como sempre, em nome do bem comum.
As minhas meninas sabiam que a imaginação era seu salvo-conduto.
Buscassem o requinte, porém nunca a coerência.
O que fazemos não é para ser compreendido jamais.
Conversamos sobre o perigo de que escrevam cartas ou rascunhos de memória.
Que se entreguem, sejam permissivas, se anulem, sofram as minúcias da perversão, se deixem devorar como pratos de um suculento cardápio.
O mito já foi estabelecido, lavrado e benzido.
As três tábuas da lei garantem virtude a quem possa pagar por ela.
As minhas meninas não causam desconforto algum à história.
Somos como uma ampla filosofia de costumes, que atende a renegados e regenerados.
Um dicionário de vertigens anotado na pele de seus clientes.
Homens de letras, não se decepcionem conosco.

Há palavras demais no mundo. Podemos passar uma vida inteira sem nos reencontrarmos.

MÃOS DE CLARICE LISPECTOR

Uma última noite contigo e as palavras se foram todas.
As tuas mãos sempre atuaram como um narcótico porque deixei
diversas vezes o mundo passar frente a meus olhos.
O que fazemos são anotações de um incerto fogo que nos guia.
Guardo teu nome e com ele me movimento de uma sala a outra
de um labirinto que ainda não sei ao certo se compreende
sua razão de ser.
Toco a tua pele quase invisível e me deixo invadir pelos rumores
de sua inquietude.
Gosto de começar a viver pelo teu nome.
Um dia imaginei um bosque em que os teus lábios traduzissem
toda a folhagem.
Não somos uma fábula, somos?
Sempre penso em ti como uma infância perdida.
Difícil aceitar que seja a minha.
Eu te amo como um plano de fuga ou foste exatamente a
primeira mulher em minha vida?
Ler é o que toca aos olhos e tudo o que vemos se transforma em
nova miragem.
Talvez as palavras se gastem menos que a realidade de seus
temas.
Porém não fazemos ideia se o que tocamos não é senão a
palavra.
O mundo sempre se desfez por um excesso de bíblias.

MEMÓRIA DE CONSUELO BENEVIDES

Toma demasiado tempo saber onde a dor guarda seus ossos.
Recortar os verbos, reconhecer as vozes melhor identificadas
com cada conflito, sussurrar pequenas mudanças de
comportamento.

Os rostos foram se resignando a uma expressão teatral.
Eu não te via senão como fatias de sombras, resquícios,
pormenores da memória, onde eu ia rabiscando a minha dor.
Quando avistei o primeiro sinal de tua vida, eu já havia
desistido de ser humana.

Fui reconhecendo teu ser aos bagaços.
Muito do que me chegava se confundia com o que eu passei a
imaginar como sendo meu filho.

Não creio que tenhamos deixado nada um para o outro em
manuscritos.

Por vezes o que recuperamos na vida tem a ver com seu sentido
abissal de imitação.

Nunca saberei se és meu filho perdido ou a imagem idealizada
do mesmo que acabo de encontrar em um lote de réplicas.

Imitamos o futuro.

Como acreditar no passado?

Não importa.

Tu estás aqui em algum lugar.

Eu já não estou em parte alguma.

JOELHOS DE DORA FERREIRA DA SILVA

O mito se vê bem daqui. É tarde da noite e ele acende a lanterna esquecida.
Em tuas pernas chorei pelos fragmentos do sol que se perderam.
A elas agradeço que nada permaneça.
Como a menina queimada na pele de suas sombras, em meio ao vozerio do fogo pude finalmente compreender o que ela um dia quis me dizer.
Rascunhos de cinzas e seus gritos carnívoros.
A pedra aos poucos foi aprendendo a deixar de ser pedra.
A luz ainda estava nos planos do farol esquecido.
O mito não faz idéia do que podemos fazer sem ele.
Fui anotando destroços, migalhas, descuidos, sem que a escrita desse por conta.
Era para estar ali um dia, entre todas as coisas perdidas.
Não estive.
Perdi a conta do mito.

Ainda recordo seu rosto, mas não sei quem sou quando ela transcreve as letras do sol em suas pernas.

ANCAS DE EMILY BRONTË

O teu sorriso ia desaparecendo no fundo de meu olhar.
Aos poucos já não distinguia os acenos de tua memória.
Eu disse que viria quando o sol te ensinasse a brilhar,
porém as nuvens foram me guiando para um outro ninho de
escombros.
Um pequeno mercado de cicatrizes. Noite recostada em uma
árvore.
A pele abandonando os cuidados com a vida que ainda guarda
em si.
O tempo remodelando as sombras esquecidas sob os corpos.
A dor se aproxima como um raio. Já não escuto mais nada.
Deixo a tua mão sobre meu peito, sem saber ao certo o que
ainda podes fazer por mim.
Livro-me por um segundo ou dois do mistério da morte,
mas logo recupero as vozes confiscadas por antigos presságios.
Jamais dissemos o nome do deus que faltou com sua palavra.

Aos poucos já não distinguia as cores de tua ausência.

BRAÇOS DE JANIS JOPLIN

Recorto teu corpo uma vez mais, até que a memória revele a
música por trás de seus truques.
Seios me dizem quais luas irei encontrar a caminho, os traços
sutis do vento, a vegetação anotando planos sobre a pele que
talvez não sejam cumpridos.
O olhar descreve um secreto ninho de acidentes.
Onde estás? Os objetos à volta recusam a tua ausência.
Os dias estão desaparecendo e já não reconheço a cor de tua
queda.
Pérolas apreendidas na bagagem do mito.
Sombras escorregadias no leito da oração com que tinges a
palidez de minha dor.
Respiro o teu nome e volto a conferir os rascunhos que fiz de teu
corpo.
Eras nuvens ativadas dentro do espelho da paisagem,
fragmentos de abismo que não chegamos a mastigar.
Sonhos empoeirados que guardamos para outras noites.
Um tufo de imprevistos deixado embaixo da cama sem motivo
algum.
Os teus dias passaram todos comigo. Jamais saímos daqui.
Ao recolher aqueles esboços todos um deles resplandia no
arquivo como uma fagulha.

Dediquei-me então à façanha de criar esta tua última astúcia.

UMBIGO DE LEE MILLER

Meu corpo medita sobre a temperatura da tarde.
A doçura com que me tocas a palidez da face ou com que me
beijas o suor a iluminar-me o pescoço, tudo me faz crer que
és o que melhor sei fazer.
As transcrições do desejo vão de uma curva a outra do tempo.
Ali sempre estás, revelando meus anseios e tremores.
Porém nenhum relógio me diz a hora de teu regresso.
Eu me reviro no mapa, a confundir-me com a estrada.
Tu não passas e ao que parece já me leste inteira.
Suponho que em algum momento descanses e aproveito para
roubar-te os manuscritos do que vivemos.
Vasculho por toda sorte de feitiço sobre a mesa, onde encontro
inúmeras partes minhas, rascunhos sem títulos, truques
para enlouquecer-me.
Levo a mão aos lábios sem saber ao certo se me excitas ou
deprimes.
A tarde traduz a eletricidade de meu corpo.
Refaço-me ainda atordoada pelo relâmpago de meu confronto
com teu silêncio.
Por que não me satisfazem as variações de meu corpo que
encontrei em teus escritos?

Dói-me o conflito de pensar em demasiada beleza.

OLHOS DE LINDA PORTER

Ela sempre esteve ali.
Reconciliada com seus abismos, dando vida às minhas
obsessões.
Parecia flutuar na memória, em proporções que mal eu traduzia
assumiam formas distintas.
Como permaneceu linda com o tempo afeito ao vinho de seus
lábios.
As canções que escrevemos foram entrando em casa como
noites possuídas por uma doçura incomum.
Ela me dizia seu nome apenas com o olhar, onde em seguida eu
anotava outros versos, pequenas luzes sob o arco de nossas
costelas.
Ao lado do piano deixamos cair seu vestido, assim como
deixamos de contar os murmúrios do tempo.
Mesmo quando as dores se foram, com suas gotas cortantes,
ainda assim, ela sempre esteve ali, e não pude jamais deixar
de tê-la comigo.

Com o passar dos anos, sua música aprendeu a vagar sozinha
pela casa.

OMBROS DE MADELINE MILLÁN

Movo tuas sombras com a lentidão da desordem e suas casas
contíguas abrindo janelas para ruas em bairros distintos.
A noite não consegue viver sem tecer seus mares em nossa pele.
Eu digo que é noite, porém os teus ombros soletram um sol bem
acariciado a cada gole do espelho por onde nos revelamos.
Eu não sei mais em que pensar, e por isto te renovas.
As ruas foram simplesmente passando e tu as recolhias como
flores em um vaso.
Que nome dar a cada beijo?
Assim como me escrevias saías de casa e quanto retornavas
trazias os bolsos confirmados de encantos.
Há noites em que não sei onde começam teus seios.
Outras em que desconheço o que resta de mim em tua memória.
Quem está por trás de cada sombra?
Meu olho tem uma falha que te reconhece.
Sonho contigo quando o olho alucina.
Eu quero te amar a noite inteira, porém a noite inteira tem
outra ideia a este respeito.
Temos que sair daqui rapidamente, antes que a árvore se feche.
Teu nome está repleto de abismos cujo enigma ninguém
desconfia.
Eu te beijo sem que percebas e esqueço um silêncio em teu
olhar.
Qual de tuas sombras afinal percebeu o que vim fazer aqui?

VELAS DE MATTIE ROSS

O armário repleto de almas, todas elas sem rosto.
Imóveis, como se à espreita de uma cena propícia a seu retorno.
Um aquário afasta a realidade de seu mito.
Explora meneios, semblantes suspensos, pequenos atritos entre
sol e verbo, algumas falas soltas como detritos
imperceptíveis.
Indecifráveis os murmúrios que vazam dessas caixas onde a
vigília é guardada como um sonho raro.
No entanto, amontoam-se as caixas de tal forma que toda
expressão sugere ser outra.
Enquanto me beijas, o armário sussurra uma anatomia de
caprichos.
Quantos somos ali, já não importa.
Enquanto me dizes que me amas, os timbres se multiplicam por
todo o quarto.
O mito se diverte em manter a realidade em distintos aquários.
Há portas que são espelhos e esgares tão enevoados pelo vidro
que não reconhecemos sua origem.

Ainda te beijo, mas começo a duvidar do que me diz o armário.

BUNDA DE NINA SIMONE

Acaricio as primeiras silhuetas do espelho ao fechar os olhos em
reflexiva intimidade.
Onde se meteu o passado?
Quando será ontem?
Como preparar-se com um leque para os calores do instante se
já não recordamos quem fomos?
Improviso o futuro como ruídos suspensos.
Descrevo a sombra de teus instrumentos como se a cada
movimento ganhassem outra forma.
Como disfarçar seu invisível refrão?
Onde repousar o eixo sorridente de tanta complexidade?
Eu me despeço com os olhos fechados de tudo quanto não pude
ser.
Onde pensas que estamos quando avulta o sonho em primeiro
plano e a previsão é que não deixemos de cair?

Com um alfinete na pele conservo o piano submerso na
excitação do tempo e a onisciência de tua música.

VENTRE DE RUTH UNDERWOOD

As ruas estão entrecortadas de olhos com seus ângulos
assimétricos mascando a essência de quem por ali passa.
Uma palpitação frenética de símbolos faz com que todos caiam
no detalhe fugaz da nostalgia,
reunidos à sombra da memória,
culpando o poente por ser melancólico, a catedral por ser
retilínea, o abismo por ser impreciso.
As notas mais simples se repetem.
Há acordes que sabem soletrar uma imagem distinta em cada
ponte ou palco.
Não é o mesmo que ser um catador de arte de rua.
Por ali sempre que alguém corre não lhe alcança o nome.
Quando dobra as notas, a paisagem estremece.
A pele dedicada à transcrição do delírio.

É quando se escuta a solidez da semelhança, os planos
encantados de tudo quanto escrevemos apenas de relance, a
magia vital ao alcance de todos.

SEIOS DE SARA SAUDKOVA

Ela me fazia voar, com todo o corpo e as inúmeras sombras.
Suava como se fosse um segredo de seus vestidos rasgados.
Eu a reconhecia em mim, a porta indefinidamente aberta.
Uma lágrima comendo a memória de seus arquejos.
O corpo com que me sublinhava a alegria.
A pele realçada no quarto escuro entre gemidos.
Ela um dia e outro, em doce artimanha, se escondia em meu
olhar.
Tocava-me como se o feitiço não pretendesse nunca ir embora.
A noite nos despia a qualquer hora.
Eu a invejava sempre que ia, porém mais ainda ao regressar.

Quantos de mim foram e voltaram é conta que nunca fiz, tanto
que disfarcei sua ausência com as sombras que não partiram.

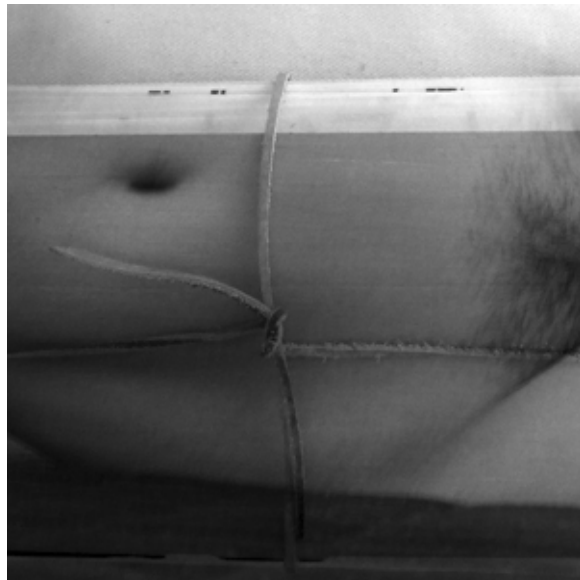
OSSOS DE SUSANA WALD

Começo a imprimir teu nome por onde passo.
Visito a noite de teus olhos.
Saboreio com as nuvens o salto de uma imagem a outra do que
ocultas em teu íntimo.
Plantamos ali um jardim onde sentar para refazer pequenos
mitos.
A tua *selva escura* como uma verdade oculta.
Por vezes os títulos são a única nobreza da arte.
A vida raramente consegue igualar-se a ela, embora não se saiba
até hoje o quanto essa relação expresse algo além de um
ornamento.
Sento-me aqui a teu lado para que pensemos nos objetos de um
coleccionador de miragens.
Rimos quando me contas que os seios de sua mulher foram
roubados de uma galeria em Montreal.
Roubar aquilo que a ninguém pertence.
Não paro de imprimir teu nome por onde passo.
A imagem fiel a suas vertigens.
Não importa a fratura de seus vidros.
A tua *selva escura* me diz que és a favorita do abismo.
Imprimo teu nome como um sinal de que não deixaremos
jamais de passar por aqui.
A pedra não se move, sonha com melhores musgos ou expressa
felicidade quando lhe acaricia o orvalho.

Eu estou aqui e quando visito teus olhos as réplicas se afastam.

COXAS DE ZOFIA BESZCZYŃSKA

Esta noite quebrei um corpo.
Ao voltar para casa não soube mais onde me encontrar.
Foi quando te vi, cruzando o horizonte que antes não estava ali.
A noite abriu em mim um modo estranho de se revelar.
Comecei a eliminar da memória tudo o que não me diz respeito.
Pretendia que me beijasses apenas o essencial, a reserva mais íntima de tudo o que flui.
Resumir em um beijo todo esse ninho de cataclismos.
A tua doçura criou uma inundação em meu ser.
Não te vás. Ainda não quero que saias de dentro de mim.
Só então percebi que começava a delirar:
A noite reconhece suas pequenas sombras vagando pelas calçadas incertas.
Com elas disfarça a solidão com que gravita nos pomares do tempo.
Os espelhos espalhados contemplam como danças em uma pele fina de algodão quase transparente.
E não parei mais. Nunca mais.



Floriano Martins

**ANTES QUE EL ÁRBOL SE
CIERRE**

UNA SEMILLA

Los primeros versos de este libro fueron escritos en enero de 2010 en una simpática noche de invierno en Cincinnati, yo había acabado de ver la película *De-Lovely*, de Irwin Winkler. La nieve caía afuera y Ashley Judd me había revelado tanto del carácter de Linda Porter, la esposa del compositor biografiado por Winkler, que no hice más que dar pasaje al poema dedicado a los ojos de aquella mujer. La película destilaba encantos por todos lados, de tal manera que nunca sabré de verdad si los ojos del poema son de Linda o de Ashley. Lo que sé es que algo se modificaba en mi escritura, comenzando por la recuperación del manuscrito. Hacía décadas que no escribía poemas *a mano*. Una única excepción, sin constituir nada más allá de lo que pueda llamar fuerza de las circunstancias, fue un extenso poema escrito en un lecho de hospital, en Sydney, dos años antes, cuando una trombosis casi me liquida.

El invierno en aquella región estadounidense fue de los más pesados y tal vez por el encantamiento delante de la nieve, más de lo que propiamente la lejanía, me puso a escribir nuevos poemas *asediados* por algún recuerdo femenino. Alejandra Pizarnik, Lee Miller, Clarice Lispector... Era curioso como los poemas comenzaron a destacar partes del cuerpo de cada mujer. Ojos, labios, ombligo, manos...Allí relativamente cerca de mí, en Nueva York, vivía una querida amiga, Madeline Millán. La nieve y mi trabajo en la Universidad no permitieron nuestro encuentro, pero conversamos casi a diario por Internet. Cuando escribí el poema dedicado a ella –precisamente a sus hombros–, envié un breve conjunto de cinco poemas a otro querido amigo, en Brasil, Jacob Klintowitz, que al leer este último poema me escribió rápidamente diciendo que allí estaba la llave de un libro que debería llamarse “Antes que el árbol se cierre”. Los pedazos de cuerpos evocados en los títulos apuntaron en una dirección que me llevó a Emily Brontë. Al escribirle un poema, percibí las señas para la concepción de un libro, la suma de aspectos como “las sombras olvidadas bajo los cuerpos”, “el misterio de la muerte”, “las voces confiscadas por antiguos presagios”, imágenes que fueron ambientando los manuscritos siguientes, pero, sobre todo, un rayo de luz esclareciendo la trama que estaba en juego. El desafío venía de

los fragmentos de cuerpos que se imponían como partes de un poema que barajaría las innumerables etapas de una vida.

Las próximas mujeres comenzaron a llegar, ritmadas por esa idea de que un árbol estaba por cerrarse, y que ellas deberían arriesgar un verbo, una imagen, una parte del cuerpo, de tal manera que la integridad de lo que estaba en juego fuese afianzada por la legitimidad de sus fragmentos. A esta altura ya no estaba en Cincinnati sino de regreso en Fortaleza. Nunca di importancia en mi vida a los factores climáticos, pero es verdad que el pasar de los 14 grados negativos de Ohio a los 32 grados positivos de Ceará sugiere algún cambio de comportamiento, sea en la vigilia o en el sueño, especialmente en esa área ambigua en que se da la creación. Lentamente el cuerpo del libro fue definiendo sus urgencias, volví a pensar en la curiosidad de que Mary Shelley estaba del otro lado del espejo, siendo ella una mujer que crea un personaje hombre que idealiza un ser que le es igual. La idea del otro basado en sí mismo.

En el otro lado del espejo yo me veía como un hombre que creaba un personaje obsesionado por las mujeres que son fundamentales en su vida por aspectos ajenos a tiempo o espacio. La madre, una gran pasión, la autora de un libro, alguien que le haya enviado una frase provocativa de reparo a su alma. No importa. Vivas, muertas, reales o no. Olvidé el espejo. Toda idealización resulta un monstruo. Cuando llegué a Australia, en diciembre de 2010, el calor era casi tan intenso como en mi ciudad. El libro estaba, así como yo, prácticamente de vacaciones, cuando en eso visito una exposición de Annie Leibovitz. En aquella mañana, en el Museo de Arte Contemporáneo de Sydney, anoté de memoria el verso con que concluiría el poema dedicado a la fotógrafa: “el mundo no cesa de volverse tuyo”. Lo que le faltaba al libro el verso lo define. Las vacaciones se fueron y escribí varios poemas *australianos*. Por primera vez monté el cuerpo ideal sobre una mesa: labios, caderas, piernas, muñecas, tobillos... El árbol ya estaba por cerrarse.

Regresé a Fortaleza para cuidar de los huesos, venas y – finalmente– de la memoria de ese *otro* Frankenstein. Un tipo curioso de autopsia anticipada. Al contrario del monstruo creado por Mary Shelley, esta mi “novia-cadáver” –como un lector amigo pasó a llamarla, sin que nada tenga que ver con la *Corpse Bride* de Tim Burton– actúa como un transcriptor. Los fragmentos de su cuerpo equivalen a los instrumentos de una

orquesta. Esa mujer insondable, que es el propio árbol cerrándose, al mismo tiempo es la única rendija que me lleva a identificar lo que soy a partir de lo que creo. Concluido en Fortaleza, justamente con la memoria de la madre, el libro define que la idealización no está en ninguna parte, siendo ella, parte de todo lo que somos.

[Fortaleza, febrero de 2011]

VOZ DE ALBERTA HUNTER

No me dejes maltratar tu mente.
Cualquier duda es un obstáculo innecesario, un dolor
descompasado.
Al salir, no te olvides de deshacer toda la memoria.
Estamos siendo escritos por ella sin que tengamos otra
oportunidad.
Tu sombra no debe repetir un solo movimiento.
El dilema comienza cuando rozo la mano en tu desnudez
asustada.
Una selva de escalofríos se ocupa de mi deseo cuando me eludes
estando y no estando a mi lado.
Aunque un día descubra quien eres, ¿de qué me servirá?
Un semblante que surge y luego desaparece en todo lo que
avisto.
¿Cuántas noches pasaron al oír tu voz dentro de mí?
¿Cuánto silencio imaginando descifrar lo que tal vez ni hayas
dicho?
Un conflicto de tinieblas, esqueletos de la ausencia, inventario
de enigmas.
Tanto planeé que no volverías a castigarme que no borro tus
pasos circundando mi locura.
No quiero que salgas nunca de aquí.

Este cuerpo no es tu dominio.

LABIOS DE ALEJANDRA PIZARNIK

Al tocar suavemente los labios de la noche intuí como ella
danzaba dentro de sí.
Las gotas de vino sobre la mesa reflejaban el milagro de
aquellos senos.
Allí dentro la música temblaba con la pasión del viento por los
árboles más altos.
Todo en ella era una floración de misterios.
Sus piernas alcanzaban los mejores agudos.
La noche convulsa deletreaba la vorágine de sus caderas.
El ritmo siempre anticipado de cada vértigo.
Juro que pude leer la oración que dibujaba sus pezones en la
piel interior del vestido, como si fuese escrita en mi propio
pecho.
La noche me besa como un espejo repleto de memoria, sueño
transbordando imágenes, sus labios rozando el paisaje de
cuerpos fluctuantes entregados a los gemidos que escurrían
por el mantel mesa abajo.
Y al besarme pude entender cuánto la vida suplica para estar allí
en su fuente, a los pies del mito que alimenta con su fuego
líquido.

No hubo más cómo regresar de los labios de esa mujer.

MUÑECAS DE ANJA LECHNER

Tu cuerpo recibe en su lecho un verbo distinto cada noche.
Pequeños quehaceres de la casa protegen el día de otros asuntos.
Me recuesto en la sombra gastada del abismo para contar tus besos.
El primero me enseña los secretos de la pólvora.
Otro me hace creer que puedo volar.
Son como desafíos silenciosos los pequeños rostros flotando en el espanto de cada mirada.
Señales de desorden que la vida elige en su tránsito fugaz por la prosperidad del tiempo.
Palabras con que excavo la invisibilidad de tu figura.
Silencio que abrigamos al lado de ellas para que preserven lo que saben de nosotros.
El movimiento pendular de tus besos acentúa el laberinto que tejen por dentro y por fuera de mis labios.
Un brasero describe las imágenes del deseo como amuletos voraces.
Rebautizo tus ritos como quien saca las vendas de las virtudes de la tempestad.
Tu cuerpo sofisma los disfraces de la noche con sus espectros verbales.
¿Reconoces el deleite indescifrable de cada pantomima?
¿Aun recuerdas el nombre con que me hice pasar por ti?

Yo mismo traté de olvidarme, para que no tuvieses como volver.

PIERNAS DE ANNE DARWIN

Cuando me encuentras estoy entre la locura y el silencio,
como quien susurra inútilmente el propio destino.
No tengo idea de lo que perdí en tus manos.
Necesito un nombre donde esconderte.
Un cuerpo apropiado a la confesión que no gustarías oír.
Yo sigo tu bulto por entre las sombras,
entre árboles que se arrastran bajo la lluvia.
La noche encharcada de misterio.
Un rostro revelado a cada gesto murmurado.
Necesito de un lugar donde guardar las escenas vividas en tu
nombre.
La memoria amontonando los cuerpos perdidos sin que
pudiésemos oírlos.
¿Todavía me buscas?
Yo no sabría decir quien fui.
Tus pecados no me conmueven más, pero me asustas con tu
ausencia.
¿Cuántos aun podrán volver a verte antes que vuelvas a ser
nadie?
Tu nombre me confunde.

Yo simplemente barajo sus letras y no deletreo más donde todo
comenzó.

MÚSCULOS DE ANNIE LEIBOVITZ

Mi sombra pasea dentro de la tuya.
La memoria cambia de nombre para no ser reencontrada.
Las calles despedazan la raíz de todos los caminos.
El mar queda siempre lejos.
El dolor dice que allá no quiere estar.
El miedo prefiere no revelar su residencia.
Las horas acabaron de pasar por aquí.
¿Era realmente una noche de sol cuando nos despistamos por
penúltima vez?
Verano en Sydney, fui a aprender el arte de la rapiña con las
gaviotas y allá estabas.

El mundo no cesa de volverse tuyo.

ESPINAZO DE BJORK

Mis ojos reconocen el paisaje guardado en tu voz.
La colina accidentada del tiempo que tan pronto escalamos da
en otra con su inmensidad de reflejos hospedados en el
deseo.
El follaje líquido de mis ojos reconoce los secretos que fuimos
olvidando en cuanto me perdías detrás de cada beso.
Escribo que vine tan sólo a buscarte,
y todo a nuestra vuelta transcribe los vértigos más íntimos.
Mis ojos abrigan el paisaje rehecho,
el lápiz numinoso de tu voz donde el tiempo recobra sus
árboles.
Silueta anclada en el abismo con su plano descifrado por el azar.
Escribo lo que deletrean tus costillas,
eco entrecortado de silencios donde la noche transborda.
¿Cuántas luces deforman los bultos que fueron por ti
compuestos para mi regreso?
¿Será verdad que ya estuve aquí alguna vez?
¿Cuántos quedamos antes de la multiplicación de tu voz?

Nadie sabría decir lo que sucede ahora si comienzas a cantar.

TALONES DE BONNIE PARKER

Supongo que el cielo no sabe nada de sí mismo.
Fuimos dando tiros a todo lo que veíamos hasta que la
ignorancia se sintió reconfortada.
Vigilábamos la sordidez, la frustración, toda forma de
clandestinidad de la hipocresía.
Los cuerpos se iban amontonando como siempre, en nombre
del bien común.
Mis niñas sabían que la imaginación era su salvoconducto.
Buscasen la perfección, pero nunca la coherencia.
Lo que hacemos no es para ser comprendido jamás.
Conversamos sobre el peligro de que escriban cartas u esbozos
de la memoria.
Que se entreguen, sean permisivas, se anulen, sufran las
minucias de la perversión, se dejen devorar como platos de
un succulento menú.
El mito ya fue establecido, labrado y bendecido.
Las tres tablas de la ley garantizan virtud a quien pueda pagar
por ella.
Mis niñas no causan ninguna incomodidad a la historia.
Somos como una amplia filosofía de costumbres, que consuela a
renegados y regenerados.
Un diccionario de vértigos anotado en la piel de sus clientes.
Hombres de letras, no se decepcionen de nosotros.

Hay demasiadas palabras en el mundo. Podemos pasar una vida
entera sin reencontrarnos.

MANOS DE CLARICE LISPECTOR

Una última noche contigo y las palabras se fueron todas.
Tus manos siempre actuaron como un narcótico porque dejé
varias veces el mundo pasar frente a mis ojos.
Lo que hacemos son anotaciones de un fuego incierto que nos
guía.
Guardo tu nombre y con él me muevo de una sala a otra de un
laberinto que todavía no sé si realmente se comprende su
razón de ser.
Toco tu piel casi invisible y me dejo invadir por los rumores de
su inquietud.
Me gusta comenzar a vivir por tu nombre.
Un día imaginé un bosque en que tus labios tradujesen todo el
follaje.
No somos una fábula, ¿somos?
Siempre pienso en ti como una infancia perdida.
Es difícil aceptar que sea la mía.
Yo te amo como un plan de fuga o ¿fuiste exactamente la
primera mujer en mi vida?
Leer es lo que toca a los ojos y todo lo que vemos se transforma
en nuevo espejismo.
Tal vez las palabras se gasten menos que la realidad de sus
temas.
Sin embargo no tenemos idea si lo que tocamos no es sino la
palabra.

El mundo siempre se deshizo por un exceso de biblias.

MEMORIA DE CONSUELO BENEVIDES

Toma demasiado tiempo saber donde el dolor guarda sus huesos.
Recortar los verbos, reconocer las voces mejor identificadas con cada conflicto, susurrar pequeños cambios de comportamiento.
Los rostros fueron resignándose a una expresión teatral.
Yo no te veía sino como tajadas de sombras, resquicios, pormenores de la memoria, donde yo iba garabateando mi dolor.
Cuando avisté la primera señal de tu vida, ya había desistido de ser humana.
Fui reconociendo tu ser por los restos.
Mucho de lo que me llegaba se confundía con lo que pasé a imaginar como siendo mi hijo.
No creo que hayamos dejado nada el uno para el otro en manuscritos.
A veces lo que recuperamos en la vida tiene que ver con su sentido abismal de imitación.
Nunca sabré si eres mi hijo perdido o la imagen idealizada del mismo que acabo de encontrar en un lote de réplicas.
Imitamos el futuro.
¿Cómo creer en el pasado?
No importa.
Tú estás aquí en algún lugar.

Yo ya no estoy en ninguna parte.

RODILLAS DE DORA FERREIRA DA SILVA

El mito se ve bien desde aquí. Ya es tarde en la noche y él
enciende la linterna olvidada.
En tus piernas lloré por los fragmentos del sol que se perdieron.
A ellas agradezco que nada permanezca.
Como la niña quemada en la piel de sus sombras, en medio de la
gritería del fuego pude finalmente comprender lo que ella un
día me quiso decir.
Bosquejos de cenizas y sus gritos carnívoros.
La piedra poco a poco fue aprendiendo a dejar de ser piedra.
La luz todavía estaba en alrededor del farol olvidado.
El mito no tiene idea de lo que podemos hacer sin él.
Fui apuntando destrozos, migajas, descuidos, sin que la
escritura lo notara.
Era para estar allí un día, entre todas las cosas perdidas.
No estuve.
Perdí la cuenta del mito.

Todavía recuerdo su rostro, pero no sé quién soy cuando ella
transcribe las letras del sol en sus piernas.

CADERAS DE EMILY BRONTË

Tu sonrisa iba desapareciendo en el fondo de mi mirada.
Al rato ya no distinguía los gestos de tu memoria.
Yo dije que vendría cuando el sol te enseñase a brillar,
sin embargo las nubes me fueron guiando hacia otro nido de
escombros.
Un pequeño mercado de cicatrices. Noche recostada en un
árbol.
La piel abandonando los cuidados con la vida que aun guarda
en sí.
El tiempo remodelando las sombras olvidadas bajo los cuerpos.
El dolor se aproxima como un rayo. Ya no escucho más nada.
Dejo tu mano sobre mi pecho, sin saber de verdad lo que aun
puedes hacer por mí.
Me libro por un segundo o dos del misterio de la muerte,
mas pronto recupero las voces confiscadas por antiguos
presagios.
Jamás dijimos el nombre del dios que faltó con su palabra.

Al rato ya no distinguía los colores de tu ausencia.

BRAZOS DE JANIS JOPLIN

Recorto tu cuerpo una vez más, hasta que la memoria revele la
música detrás de sus trucos.
Senos me dicen cuáles lunas iré encontrando en el camino, los
trazos sutiles del viento, la vegetación anotando planos sobre
la piel que tal vez no sean cumplidos.
La mirada describe un secreto nido de accidentes.
¿Dónde estás? Los objetos a la vuelta rechazan tu ausencia.
Los días están desapareciendo y ya no reconozco el color de tu
caída.
Perlas aprehendidas en el bagaje del mito.
Sombras resbaladizas en el lecho de la oración con que tiñes la
palidez de mi dolor.
Respiro tu nombre y vuelvo a conferir los borradores que hice
de tu cuerpo.
Eran nubes activadas dentro del espejo del paisaje, fragmentos
de abismo que no llegamos a masticar.
Sueños empolvados que guardamos para otras noches.
Un mechón de imprevistos dejado debajo de la cama sin motivo
alguno.
Tus días pasaron todos conmigo. Jamás salimos de aquí.
Al recoger aquellos esbozos uno de ellos resplandecía en el
archivo como una centella.

Me dediqué entonces a la hazaña de crear esta tu última astucia.

OMBLIGO DE LEE MILLER

Mi cuerpo medita sobre la temperatura de la tarde.
La dulzura con que me tocas la palidez del rostro o con que me
besas el sudor que me ilumina el cuello, todo me hace creer
que eres lo mejor que sé hacer.
Las transcripciones del deseo van de una curva a otra del
tiempo.
Allí siempre estás, revelando mis anhelos y temblores.
Pero ningún reloj me dice la hora de tu regreso.
Yo me devuelvo en el mapa, para confundirme con la calle.
Tú no pasas y parece que ya me leíste entera.
Supongo que en algún momento descansas y aprovecho para
robarte los manuscritos de lo que vivimos.
Busco toda suerte de hechizo sobre la mesa, donde encuentro
innumerables partes mías, esbozos sin títulos, trucos para
enloquecerme.
Llevo las manos a los labios sin saber en realidad si me excitas o
deprimes.
La tarde traduce la electricidad de mi cuerpo.
Me rehago aun perturbada por el relámpago de mi
enfrentamiento con tu silencio.
¿Por qué no me satisfacen las variaciones de mi cuerpo que
encontré en tus escritos?

Me duele el conflicto de pensar en demasiada belleza.

OJOS DE LINDA PORTER

Ella siempre estuvo allí.
Reconciliada con sus abismos, dando vida a mis obsesiones.
Parecía fluctuar en la memoria, en proporciones que mal
interpretaba asumían distintas formas.
Cómo permaneció linda con el tiempo habituado al vino de sus
labios.
Las canciones que escribimos fueron entrando en la casa como
noches poseídas por una dulzura fuera de lo común.
Ella me decía su nombre sólo con la mirada, donde en seguida
yo anotaba otros versos, pequeñas luces bajo el arco de
nuestras costillas.
Al lado del piano dejamos caer su vestido, así como dejamos de
contar los susurros del tiempo.
Precisamente cuando los dolores se fueron, con sus gotas
cortantes, cuando la memoria recuperó sus peores vicios, aun
así, ella siempre estuvo allí, y no pude jamás dejar de tenerla
conmigo.

Con el pasar de los años, su música aprendió a vagar sola por la
casa.

HOMBROS DE MADELINE MILLÁN

Muevo tus sombras con la lentitud del desorden y sus casas
contiguas abriendo ventanas hacia las calles en barrios
distintos.
La noche no consigue vivir sin entrelazar sus mares en nuestra
piel.
Yo digo que es noche, pero tus hombros pronuncian lentamente
un sol bien acariciado a cada sorbo del
espejo en donde nos revelamos.
Ya no sé más en qué pensar, y por esto te renuevas.
Las calles fueron simplemente pasando y tú las recogías como
flores en un cuenco.
¿Qué nombre dar a cada beso?
Así como me escribías salías de casa y cuando regresabas traías
los bolsos llenos de encantos.
Hay noches en que no sé donde comienzan tus senos.
Otras en que desconozco lo que resta de mí en tu memoria.
¿Quién está detrás de cada sombra?
Mí ojo tiene una falla que te reconoce.
Sueño contigo cuando el ojo alucina.
Yo quiero amarte la noche entera, pero la noche entera tiene
otra idea sobre eso.
Tenemos que salir de aquí rápidamente, antes que el árbol se
cierre.
Tu nombre está repleto de abismos cuyo enigma nadie
desconfía.
Yo te beso sin que lo percibas y olvido un silencio en tu mirada.
Cuál de tus sombras al final percibió lo que vine a hacer aquí?

VENAS DE MATTIE ROSS

El armario repleto de almas, todas ellas sin rostro.
Inmóviles, como a la espera de una escena propicia para su
retorno.
Un acuario aleja la realidad de su mito.
Explora meneos, semblantes perplejos, diminutos roces entre el
sol y el verbo, algunas conversaciones sueltas como sobras
imperceptibles.
Los indescifrables susurros que salen de esas cajas donde la
vigilia es guardada como un sueño raro.
Sin embargo, se amontonan las cajas de tal forma que toda
expresión sugiere ser otra.
Mientras me besas, el armario susurra una anatomía de
caprichos.
Cuanto somos allí, ya no importa.
Mientras me dices que me amas, los sonidos se multiplican por
todo el cuarto.
El mito se divierte en mantener la realidad en distintos
acuarios.
Hay puertas que son espejos y muecas tan nubladas por el
vidrio que no reconocemos su origen.
Todavía te beso, pero comienzo a dudar de lo que me dice el
armario.

NALGAS DE NINA SIMONE

Acaricio las primeras siluetas del espejo al cerrar los ojos en
reflexiva intimidad.

¿Dónde se metió el pasado?

¿Cuándo será ayer?

¿Cómo prepararse con un abanico para los calores del instante
si ya no recordamos quién fuimos?

Improviso el futuro como ruidos perplejos.

Describo la sombra de tus instrumentos como si a cada
movimiento ganasen otra forma.

¿Cómo disfrazar su coro invisible?

¿Dónde descansar el eje sonriente de tanta complejidad?

Me despido con los ojos cerrados de todo lo que no pudo ser.

¿Dónde piensas que estamos cuando aumenta el sueño en
primer plano y la previsión es que no dejemos de caer?

Con un alfiler en la piel conservo el piano sumergido en la
excitación del tiempo y la omnisciencia de tu música.

VIENTRE DE RUTH UNDERWOOD

Las calles están entrecortadas de ojos con sus ángulos
asimétricos mascando la esencia de quien por allí pasa.
Una palpitación frenética de símbolos hace que todos caigan en
el detalle fugaz de la nostalgia,
reunidos a la sombra de la memoria,
culpando el poniente por ser melancólico, la catedral por ser
rectilínea, el abismo por ser impreciso.
Las notas más simples se repiten.
Hay acordes que saben deletrear una imagen distinta en cada
puente o escenario.
No es lo mismo que ser un catador de arte de calle.
Por allí siempre que alguien corre no le alcanza el nombre.
Cuando doblas las notas, el paisaje se estremece.
La piel dedicada a la transcripción del delirio.

Es cuando se escucha la solidez de la apariencia, los planos
encantados de todo lo que escribimos apenas de vistazo, la
magia vital al alcance de todos.

SEÑOS DE SARA SAUDKOVA

Ella me hacía volar, con todo el cuerpo y sus innumerables
sombras.
Sudaba como si fuese un secreto de sus vestidos rasgados.
Yo la reconocía en mí, la puerta indefinidamente abierta.
Una lágrima componiendo la memoria de sus jadeos.
El cuerpo con que me trazaba la alegría.
La piel realzada en el cuarto oscuro entre gemidos.
Ella un día y otro en dulce artimaña se me escondía en la
mirada.
Me tocaba como si el hechizo no pretendiese nunca irse.
La noche nos desnudaba a cualquier hora.
Yo la envidiaba siempre que se iba, pero mucho más al regresar.

Cuántos de mí fueron y volvieron es cuenta que nunca hice,
tanto que disfracé su ausencia con las sombras que no
partieron.

HUESOS DE SUSANA WALD

Comienzo a imprimir tu nombre por donde paso.
Visito la noche de tus ojos.
Saboreo con las nubes el salto de una imagen a otra de lo que
ocultas en tu parte más íntima.
Plantamos allí un jardín donde sentarse para rehacer pequeños
mitos.
Tu *selva oscura* como una verdad oculta.
A veces los títulos son la única nobleza del arte.
La vida raramente se consigue igualar a ella, aunque no se sepa
hasta hoy cuánto esa relación exprese algo más allá de un
ornamento.
Me siento aquí a tu lado para que pensemos en los objetos de un
coleccionista de espejismos.
Reímos cuando me cuentas que los senos de su mujer fueron
robados de una galería en Montreal.
Robar aquello que a nadie pertenece.
No paro de imprimir tu nombre por donde paso.
La imagen fiel a sus vértigos.
No importa la fractura de sus vidrios.
Tu *selva oscura* me dice que eres la favorita del abismo.
Imprimo tu nombre como una señal de que no dejaremos jamás
de pasar por aquí.
La piedra no se mueve, sueña con mejores musgos o expresa
felicidad cuando la acaricia el rocío.

Yo estoy aquí y cuando visito tus ojos las réplicas se alejan.

MUSLOS DE ZOFIA BESZCZYŃSKA

Esta noche quebré un cuerpo.
Al volver a casa no supe donde encontrarme.
Fue cuando te vi, cruzando el horizonte que antes no estaba allí.
La noche abrió en mí un modo extraño de revelarse.
Comencé a eliminar de la memoria todo lo que no me dice
respeto.
Pretendía que me besases apenas lo esencial, la reserva más
íntima de todo lo que fluye.
Resumir en un beso todo ese nido de cataclismos.
Tu dulzura creó una inundación en mi ser.
No te vayas. Aun no quiero que salgas de adentro de mí.
Sólo entonces percibí que comenzaba a delirar:
*La noche reconoce sus pequeñas sombras vagando por las
aceras inciertas.*
*Con ellas disfraza la soledad con que gravita en los pomares
del tiempo.*
*Los espejos esparcidos contemplan como danzas en una piel
fina de algodón casi transparente.*
Y no paré más. Nunca más.

UNA PRESENTACIÓN

José Alcántara Almánzar

Las primeras nociones de la obra del poeta, ensayista, traductor y editor Floriano Martins [Fortaleza, Brasil, 1957], me llegaron un buen día a través de los medios electrónicos. De golpe recibí en mi computadora informaciones sobre *Agulha Hispânica – Revista de Cultura*, la valiosa publicación de la que es editor desde hace años, en su ingente esfuerzo de tender puentes entre nuestras culturas y las letras de los países de América Latina, contribuyendo a mitigar en parte el injustificable silencio y la prolongada incomunicación que nos separan, a pesar de las múltiples conexiones entre nuestras diversas culturas.

Martins, que ha realizado numerosas antologías poéticas y traducciones de grandes escritores de ayer y de hoy, tales como Federico García Lorca y Guillermo Cabrera Infante, es también autor de *El inicio de la búsqueda [El surrealismo en la poesía de América Latina]*, 2001, y *Escritura conquistada [Conversaciones con poetas de Latinoamérica]*, 2009.

En los últimos meses he mantenido un fecundo intercambio epistolar con Martins, habiendo recibido noticias siempre novedosas y estimulantes sobre su Proyecto Editorial Banda Hispánica, que con tanto fervor promueve dondequiera que su voz pueda ser escuchada, e innumerables poemas de quien es un imaginativo escritor y al mismo tiempo un dinámico promotor cuya solidaria presencia es desbordante y contagiosa.

Así, entre poemas e intercambios de ensayos acerca de la poesía continental, he logrado conocer muchos de los textos de Martins, hasta que él mismo puso en mis manos una veintena de poemas bajo el título de *Antes que el árbol se cierre*, pidiéndome que escribiese esta breve presentación, un gesto que debo considerar como verdadero privilegio, ya que no nos conocemos personalmente, sino a través de ese nexo más intenso y perdurable que constituye la poesía.

Aunque el autor cuenta la génesis de su libro en una especie de prólogo titulado “Una semilla”, en el que cuenta cuándo y en qué circunstancias escribió los primeros versos de este libro, y cuáles son las obsesiones que lo desvelaron durante mucho

tiempo hasta que logró dar voz a sus pulsiones más íntimas, la lectura de *Antes que el árbol se cierre* constituye un deslumbrante recorrido por una serie de iconos femeninos entrañables que acompañan al poeta en sus horas insomnes y en sus viajes alucinantes por los laberintos de la memoria y el deseo.

Cada una de las mujeres a las que Martins rinde homenaje en sus poemas constituye por sí sola un mundo de referencias literarias, musicales y cinematográficas indispensables del imaginario colectivo, porque han marcado su época y sus respectivas sociedades con una recia presencia, una obra inspiradora, o comportamientos distantes de la convención y las normas aceptadas.

En este orbe poético creado por Martins asistimos a un desfile interminable de figuras emblemáticas, sobresalientes, incomprendidas, solitarias, exitosas, que a veces lograron descollar con triunfos resonantes, no siempre efímeros, pero que casi siempre tuvieron destinos dramáticos, cuando no trágicos, aunque permanecen en la memoria de muchos debido a la impronta de su obra, su carácter, sus acciones, su más hondo significado para quienes las aman por su legado artístico, o el impacto emocional provocado por sus respectivas trayectorias.

Por lo general, el poeta evoca fragmentos de cuerpos a los que logra asirse para atrapar la esencia de esas mujeres: los labios de Alejandra Pizarnik, la voz de Alberta Hunter, las piernas de Anne Darwin, los músculos de Annie Leibovitz, el espinazo de Bjork, los talones de Bonnie Parker, las manos de Clarice Lispector, las rodillas de Dora Ferreira da Silva, las caderas de Emily Brontë, los brazos de Janis Joplin, el ombligo de Lee Miller, los ojos de Linda Porter, los hombros de Madeline Millán, las venas de Mattie Ross, las nalgas de Nina Simone, el vientre de Ruth Underwood, los senos de Sara Saudkova, los huesos de Susana Wald, y alguna a la que identifica por el atributo inasible, pero decisivo, de la memoria (Consuelo Benevides).

Con estos trozos de materia corporal femenina diseña Martins –mediante palabras que a ratos desconciertan por las insólitas asociaciones y metáforas alucinantes– el océano inconmensurable del deseo, la nocturnidad y el delirio en el que se sumerge con plena libertad para saborear los placeres de la carne, entre gemidos y misterios, tratando de descifrar los enigmas del cuerpo, o de adentrarse en los sofismas de la noche

y vivir la locura de los cuerpos trenzados en el furor de los besos.

Si algunas veces la intertextualidad es inevitable debido las referencias a poetas (Pizarnik) y narradoras (Lispector, Brontë, Shelley), otras veces la fijación proviene de imágenes espectaculares de la fotografía (Miller, Leibovitz), de una particular debilidad por las cantantes (Hunter) e intérpretes (Lechner, Bjork), e incluso de algunos símbolos de la existencia efímera (Annie Darwin), la transgresión a la ley (Bonnie Parker), o de personajes que sólo cobran vida el celuloide (Mattie Ross).

Antes que el árbol se cierre puede también leerse como un entrañable símbolo de la huidiza memoria que busca atrapar aquello que está a punto de disolverse en el olvido. O sea, mediante palabras envolventes, capturar entes fugaces y volátiles que el poeta evoca valiéndose del tacto de la piel (ahí está ese elocuente poema a las manos de Clarice Lispector), el sueño de un beso inolvidable, unos ojos que miran sin pestañar, los cataclismos del deseo, unos senos que se yerguen desafiantes. En otras palabras, la anatomía femenina segmentada, dividida en sus partes adorables, y que el poeta va reunificando hasta configurar una totalidad que exprese las conmociones de su desbocado corazón.

Con su alucinante despliegue de imágenes que por momentos bordea los automatismos surrealistas, o nos sumerge en un ámbito de símbolos perturbadores de una posmodernidad que nos aturde con la seducción de un placer inagotable, Floriano Martins ha logrado estructurar un libro cuya fulgurante presencia quedará en el público lector mucho tiempo después de haber concluido su lectura.

[Santo Domingo – Rep. Dominicana, 12 de mayo de 2011]



FLORIANO MARTINS (Brasil, 1957). Poeta, editor, ensaísta, tradutor. Coordenador geral do Projeto Editorial Banda Hispânica. Estudioso do surrealismo, sendo autor de livros sobre o tema, incluindo a única antologia existente que abrange a produção poética do surrealismo em todo o continente americano (Monte Ávila Editores, Venezuela, 2007). Curador da Bienal Internacional do Livro do Ceará (2008). Professor convidado da Universidade de Cincinnati (Ohio, Estados Unidos, 2010). Contato: **floriano.agulha@gmail.com**.

